

# onabet 30 gm - symphonyinn.com

Autor: symphonyinn.com Palavras-chave: onabet 30 gm

---

## Abertura: Tribunal Sikh **onabet 30 gm** Londres exige nossa atenção urgente

Em 1 de junho de 2024, o primeiro tribunal Sikh do mundo será inaugurado **onabet 30 gm** Londres. Isso demanda nossa atenção imediata. Por muitos anos, nós, como co-diretores do Projeto Resist e ex-diretores da Southall Black Sisters, juntamente com grupos como One Law for All, temos defendido contra o crescimento dos tribunais religiosos, pois acreditamos que eles estão ligados a uma onda de fundamentalismo religioso que ameaça os direitos e liberdades das mulheres.

Em 2024, organizamos-nos contra a instalação de conselhos xaria e do tribunal de arbitragem muçulmano, que seguiram o modelo dos tribunais judaicos Beth Din, devido à ameaça que eles representavam para nosso sistema legal secular. Nossa preocupação era que outras religiões minoritárias insistissem **onabet 30 gm** que as regras e ordens de suas leis religiosas sejam acolhidas pelo Estado. Não demorou muito para nossa preocupação se tornar uma realidade.

### Um tribunal Sikh sem debate democrático

O tribunal Sikh foi estabelecido supostamente para combater a suposta falta de expertise **onabet 30 gm** tribunais seculares **onabet 30 gm** entender as sensibilidades culturais e religiosas **onabet 30 gm** torno da resolução de disputas familiares e civis. Composto por aproximadamente 30 magistrados e 15 juízes - muitos dos quais são mulheres - o tribunal usará uma combinação de mediação e arbitragem para presidir sobre disputas familiares e civis na comunidade Sikh. Juízes, claro, devem ser imparciais, mas esses juízes irão julgar de acordo com princípios Sikh que eles mesmos definiram.

Mas não houve debate ou consulta pública transparente e democrática sobre a necessidade de tal tribunal - especialmente com as mulheres Sikh - ou sobre o que constitui princípios Sikh.

### Leis religiosas e mulheres minoritárias: discriminação e dano

A utilização de leis religiosas para regular as vidas de mulheres minoritárias é não apenas discriminatória, mas também intensamente prejudicial **onabet 30 gm** um contexto **onabet 30 gm** que a violência doméstica e os feminicídios relacionados de mulheres sul-asiáticas e outras mulheres minoritárias permanecem persistentemente altos.

### Um precedente patriarcal preocupante

O tribunal apresenta-se como um corpo profissional, quase legal, disposto a aderir a regras formais de participação legal. No entanto, até agora, os porta-vozes que justificam **onabet 30 gm** existência indicaram uma agenda muito mais preocupante.

Em 25 de abril de 2024, Baldip Singh, um fundador e porta-voz do tribunal Sikh, apontou para o suposto fracasso dos tribunais seculares **onabet 30 gm** levar **onabet 30 gm** conta os valores religiosos **onabet 30 gm** um caso envolvendo uma mulher Sikh divorciada que, como principal cuidadora de seu filho jovem, apoiou a decisão de seu filho de cortar o cabelo **onabet 30 gm** defiance das vontades de seu pai (seu ex-marido). A postura representa uma luta pela preservação dos direitos do pai que ecoa uma batalha ideológica mais ampla, travada por

homens abusivos, sobre como os tribunais familiares são tendenciosos contra eles. A demanda por respeito a valores religiosos, independentemente das circunstâncias, é um precedente patriarcal preocupante.

## **Medição e arbitragem: consentimento e "violência doméstica de baixo nível"**

O tribunal disse que abordará casos envolvendo "violência doméstica de baixo nível", assim como questões de "gestão de raiva, jogo e abuso de substâncias" por meio da mediação **onabet 30 gm** primeiro lugar. Se a mediação for infrutífera e as partes concordarem, um caso pode ser trazido perante um juiz do tribunal Sikh, que pode dar um julgamento legalmente vinculativo de acordo com a Lei de Arbitragem de 1996. Nossa preocupação é como o consentimento das mulheres será obtido e quem define "violência doméstica de baixo nível".

## **Uma escolha difícil**

Quando muitas mulheres minoritárias procuram escapar do abuso, estão sujeitas a pressão e coerção para permanecerem **onabet 30 gm** silêncio e tolerar o abuso **onabet 30 gm** nome de manter a unidade familiar. Seu status profundamente desigual, combinado com uma distribuição desigual de conhecimento dos direitos legais, tornará ainda mais difícil recusar tentativas de mediação ou reclamar quando decisões são tomadas contra seus interesses. O sistema legal formal do Reino Unido permite que as mulheres obtenham assessoria jurídica e representação **onabet 30 gm** conformidade com a regra de direito e princípios de justiça. Embora imperfeito, isso é um contraste nítido **onabet 30 gm** relação aos tribunais religiosos.

Na minha própria experiência, eu vi muitas mulheres minoritárias usando esses tipos de sistemas de mediação comunitária - não por escolha, mas por medo de estigma, isolamento e até mesmo repercussões violentas.

Mulheres falaram sobre como as probabilidades estão contra elas nesses tribunais e como os líderes religiosos as culpam pelo abuso que sofreram ou esperam que elas o suportem, apesar dos riscos sérios.

Uma mulher que procurava o divórcio de seu marido abusivo foi informada de que era seu dever ser "paciente" com ele e que ela receberia justiça no além. Outra foi forçada a mediar com seu marido controlador e abusivo, apesar de ter obtido uma ordem de proteção de um tribunal secular que bloqueava seu contato com ela devido à **onabet 30 gm** violência. "Se os líderes religiosos trazerem suas leis, onde podemos correr?", perguntou uma mulher com quem trabalhei.

## **Chiquita Internacional condenada a pagar R\$38.3 millones por financiar grupo paramilitar colombiano responsable de asesinatos**

La ejecución de un trabajador de 0 la plantación de plátanos "David" por miembros de las autodefensas unidas de Colombia (AUC) de extrema derecha en 1997 fue 0 tan rápida como brutal.

Minutos después de que su autobús fuera detenido en un puesto de control en la región costera 0 de Urabá, fue sacado a rastras, golpeado hasta la muerte frente a sus compañeros de pasajeros y arrojado a un 0 lado de la carretera, donde sus asesinos cubrieron su cuerpo con una planta de plátano. Ganado más tarde se alimentaría 0 de su cuerpo, según documentos judiciales.

La brutalidad no terminó allí. Su hija y cuñada desaparecieron semanas después, nunca más se 0 supo de ellas. Se hicieron amenazas de muerte a otro miembro de la familia.

Lo que quedaba de la familia se 0 fue de Urabá para siempre.

Él fue solo uno de los miles de personas objetivo del Autodefensas Unidas de Colombia, o AUC, un notorio grupo terrorista de derecha que, en la cima del conflicto civil colombiano a principios del siglo XXI, fue capaz de movilizar decenas de miles de combatientes.

Más de un cuarto de siglo después, un caso civil histórico en un tribunal federal de EE. UU. esta semana encontró que la empresa de banano Chiquita Brands International era responsable de financiar al grupo paramilitar y ordenó a Chiquita pagar R\$38.3 millones en compensación a la familia de "David" y a los de otros siete víctimas cuyas identidades reales se ocultaron en documentos judiciales.

Los detalles de esas muertes, que tuvieron lugar entre 1997 y 2004, y las cuentas del impacto que tuvieron en las familias, se leyeron a los jurados antes de que deliberaran si Chiquita -una de las mayores productoras de bananos del mundo- había actuado "como una persona razonable de los negocios" pagando al AUC lo que la empresa caracterizó como pagos de extorsión.

Las familias argumentaron que los pagos de Chiquita al AUC ayudaron a mantener la violencia del grupo paramilitar en Colombia y que la empresa, por lo tanto, debería ser considerada responsable de las muertes del grupo.

El veredicto ha sido celebrado como un avance legal. Según los abogados que ganaron el caso en Florida, marca "la primera vez que un jurado estadounidense ha responsabilizado a una corporación importante de EE. UU. por complicidad en graves abusos de derechos humanos en otro país".

"Me siento genial, hemos esperado tanto y de repente, ganamos. Casi había perdido la esperanza, pero Dios nos ayudó," uno de los demandantes le dijo después del fallo.

La madre de cuatro hijas recordó haberle contado al tribunal cómo su pareja fue asesinada por paramilitares de las AUC el 14 de noviembre de 2003 para presionar a la familia para que vendiera una plantación de banano por debajo del precio de mercado.

"No quiero el dinero para mí, me iré pronto... pero al menos, para las niñas: ¡que obtengan algo de justicia ahora!", dijo de la compensación.

El fallo sigue una lucha judicial de casi dos décadas de las familias, que demandaron a Chiquita International después de un caso separado en 2007. En ese caso, la empresa admitió pagar R\$1.7 millones en "dinero de protección" al AUC -en ese momento considerado una organización terrorista extranjera por el Departamento de Estado- y acordó pagar una multa de R\$25 millones al gobierno de EE. UU.

Sin embargo, es poco probable que sea el último del asunto, y no solo porque Chiquita ya ha dicho que apelará el fallo.

Marco Simons, consejero general de Earth Rights International, una ONG de derechos humanos que brindó asistencia legal a las víctimas, describió su estrategia legal como un "proceso de referencia", con su equipo seleccionando los nueve casos más fuertes de más de 4.500 quejas. Ahora espera que sigan muchos más casos.

"Ha sido un honor representar a estas víctimas durante los últimos 17 años. No ha terminado, pero esto es un paso adelante significativo, y esperamos que esto allane el camino para la compensación para todas las víctimas", dijo una conferencia de prensa en Washington el martes.

Debido al recurso de Chiquita, Simons dice que es poco probable que ninguna de las víctimas reciba compensación pronto, pero dice que el caso ha enviado un fuerte mensaje a las corporaciones sobre la necesidad de respetar los derechos humanos.

"Al final, este dinero no reemplazará lo perdido. Todavía estamos hablando de abusos horribles que estas familias han sufrido, pero el dinero es importante porque, desafortunadamente, el lenguaje que las corporaciones entienden mejor es el dinero. A veces se necesita una sanción monetaria significativa para cambiar el comportamiento corporativo", dijo Simons.

Chiquita ha mantenido en su defensa -tanto durante el caso más reciente como en litigios anteriores- que era una víctima, ya que había sido obligada a pagar el dinero de protección a las AUC.

Mientras que ese argumento no fue suficiente para convencer al jurado de que había actuado "como una persona razonable de los negocios lo habría hecho en circunstancias similares", la empresa le dijo después del último veredicto que seguía "confiada en que nuestra posición legal prevalecerá".

"La situación en Colombia fue trágica para tantos, incluidos aquellos directamente afectados por la violencia allí, y nuestros pensamientos permanecen con ellos y sus familias. Sin embargo, esto no cambia nuestra creencia de que no existe base legal para estas reclamaciones", leyó un comunicado.

En su caso de 2007 contra el Departamento de Justicia de EE. UU., la empresa admitió hacer más de "100 pagos al AUC que totalizan más de R\$1.7 millones". Chiquita registró los pagos al AUC como "servicios de seguridad", aunque la empresa nunca recibió ningún servicio real de estos pagos, según un comunicado de prensa del Departamento de Justicia de EE. UU. de la época.

Eric Holder, quien representó a Chiquita en el juicio de 2007 antes de servir como fiscal general de los EE. UU. bajo el presidente Barack Obama, le dijo al tribunal en ese momento que: "La empresa había tenido que pagar una variedad de grupos terroristas durante más de 15 años porque esos eran los grupos que controlaban las áreas en las que operaba. No el gobierno colombiano".

Sin embargo, en ese juicio, la empresa terminó admitiendo en un acuerdo de culpabilidad que había continuado intencionalmente pagando al AUC incluso después de que el grupo fuera declarado una organización terrorista por el gobierno de EE. UU. en 2001, y después de que un director senior objetara la decisión del directorio de la empresa de vender sus operaciones en Colombia, debido al problema del dinero de protección.

Los fiscales federales encontraron que Chiquita ganó R\$49.4 millones en ganancias de sus operaciones colombianas entre 1997 y 2004.

El AUC se fundó en 1997, durante una de las fases más trágicas del conflicto civil colombiano, que vio al gobierno luchar por el control contra las fuerzas guerrilleras de izquierda, los paramilitares de derecha y las organizaciones criminales.

En ese momento, los guerrilleros de izquierda de las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia (FARC) y el Ejército de Liberación Nacional (ELN) se movían contra el estado y aterrorizaban a la población civil. Chiquita dijo en el caso de 2007 que había pagado rescates a la FARC y el ELN antes de recurrir al AUC en 1997.

Ante la posibilidad de una revolución comunista armada en el país, los terratenientes colombianos y los simpatizantes de derecha crearon grupos de vigilantes para responder a los guerrilleros golpe por golpe. El AUC fue una vez tal grupo y pasó los años antes de su desmovilización final en 2006 aterrorizando a la población del norte de Colombia para frenar la rebelión.

En su apogeo, el AUC podía movilizar decenas de miles de combatientes y estaba fuertemente financiado por el tráfico de drogas: después de la desmovilización, más de una docena de líderes del AUC fueron extraditados a los EE. UU. por cargos de drogas.

"Recuerdo ese período, fue un terror real", dijo uno de los demandantes a los que se les otorgó una compensación el lunes a **onabet 30 gm**. "Mi esposo fue asesinado, pero mi hija también fue violada, había víctimas en todas partes de la ciudad."

En otras pruebas escuchadas por los jurados en el caso judicial más reciente, una niña menor de edad fue obligada a ver desde un taxi cómo mataban a su madre y padrastro en el costado de la calle, antes de darle el equivalente a menos de un dólar para regresar a casa y sobrevivir como huérfana.

Colombia hoy es un país muy diferente al en que nació el AUC.

Unos años después de la desmovilización del AUC, un acuerdo de paz en 2024 también puso fin al conflicto de 52 años entre el gobierno y las FARC, aunque algunos disidentes continúan luchando.

Tanto los paramilitares de derecha como los guerrilleros de izquierda han sido incluidos en procesos de justicia transicional destinados a brindar cierre a algunas de las páginas más oscuras del conflicto.

Sin embargo, el miedo en Urabá permanece.

Algunos de los miembros del AUC anteriores siguen libres y se han unido a un nuevo grupo criminal organizado, el Clan del Golfo, que desafía el control del gobierno en el noroeste de Colombia.

Los grupos de derechos dicen que los intereses corporativos poderosos continúan coludidos con políticos locales y grupos criminales para reprimir el activismo, particularmente en defensa del medio ambiente, que puede ser un negocio peligroso en América del Sur.

Sin embargo, para al menos algunas de las muchas víctimas del AUC, este fallo judicial de esta semana es una razón para el optimismo. Una de las demandantes que habló con pidió compartir su mensaje como un acto de desafío.

"Mi hija, mi hijo, ellos dicen: 'Mamá, no levantes el teléfono, mamá, no hables'. Pero hey, el miedo solo puede durar hasta que alguien decide hablar", dijo.

---

#### **Informações do documento:**

Autor: symphonyinn.com

Assunto: onabet 30 gm

Palavras-chave: **onabet 30 gm - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-06-29